

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

S. GUALTER DE GUIMARÃES. ENSAIO BIOGRÁFICO.

GONÇALVES, Aloísio Tomás

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

GONÇALVES, Aloísio Tomás, S. Gualter de Guimarães. Ensaio biográfico. *Revista de Guimarães*, 40 (1-2) Jan.-Jun. 1930, p. 20-25.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. Gualter de Guimarães

Ensaio biográfico

(Conf. da pág. 65 do vol. XXXIX)

No princípio do século passado houve de sofrer aquela lamentável Invasão Francesa, que por todo o País espalhou a assolação e a ruína. Ainda hoje se podem ver os vestígios dos crimes que as hordas de Napoleão cometeram. Incendiaram, destruíram, roubaram, lançaram a perturbação e desquiciaram de tal maneira a vida interna da Nação, que nunca mais o bom equilíbrio tornou a ser restabelecido.

Da imaginação do povo português ainda se não apagou completamente a visão de horrores que esses bandidos praticaram. Nos museus de França há, para perpetuar os roubos do nosso património artístico, milhares de preciosidades; na nossa linguagem popular restam vestígios do ódio merecido que ao Invasor se criou na alma colectiva da Nação.

O povo só, abandonado dos seus chefes, deixou-se esmagar, nos primeiros momentos. A desventura era tão grande, a calamidade tão desproporcionada às mesquinhas resistências que podiam opôr-se-lhe... Para que resistir? Pela barra fora, ausentava-se D. João VI; pela fronteira dentro precipitava-se o alude dos soldados de Massena, esmagando, nivelando, pulverizando tudo.

Mas passado o pânico, eis que o Velho Leão de sete séculos de vida heróica, agita os entorpecidos membros, encrespa a juba, toma os enferrujados damasquinos, e ao grito de independência sacode para além das sagradas fronteiras da Pátria o vil Invasor. Foi um momento angustioso e heróico, em que os nossos pais igualaram os nossos avós, e vieram provar ao mundo que embora poucos, em Portugal só cabem Portugueses, ou a quem Portugueses quizerem dar hospitalidade. Nada mais.

O grito de independência ecoou no País, levantando um incêndio patriótico em todo êle.

Guimarães, o velho berço da nacionalidade portuguesa foi, se não a primeira, das primeiras povoações que sacudiram o jugo estrangeiro. Todos os habitantes da nobre Vila se levantaram como um só homem no comum esforço. *Clero, Nobreza e Povo*, como ao tempo ainda era uso dividir as classes, emularam em generosidade e heroísmo. O clero da Colegiada, o clero secular e regular, as associações e irmandades deram o salutar exemplo de fornecer em grande parte os subsídios para tão patriótico feito.

A Irmandade de S. Gualter também concorreu; e, alenta a magreza do seu pecúlio, com larga mão, o fez.

Lemos no livro de Actas, *folhas 13, v.:*

Termo que Mandou fazer a Meza atual da Irm.^{de} do Milagrozo S.^m Gualter em q. Se de Clara a oferta do dinhr.^o Com q. ella Contrebuui p.^a o Ezerçito Portugues destinado a Restauração (d) o Nosso Reino da Impia e Violenta Sobordinação dos Francezes.

Aos 5 do mes de Agosto de 1808 annos nesta Igr.^a de S. Fran.^{co} da V.^a de Guim.^{es} donde se acha estabalecida a Nossa Veneravel Irm.^{d.} do Milagroso S.^m Gualter Estando em Meza o Juiz Com os mais Vogais e a major p.^{te} da Irm.^{d.} Com vocada a Som de Campa tangida na forma do costume ahi pelo Sobre dito Juiz foi preposto em Como a Nossa fiel e briosa Nação tendo achado sempre como Intruso e em Sufrivel o Jugo do alhejo dominio e tendo se p.^r doce e grata a Sobordinação aos Seus amaveis Princepes e Snr.^{es} Naturais agora acabava de despedaçar as cadeas de ferro em q. persumia fazellos gemer o major soberbo o maior embiciozo omais atreçoado e Vil usurpador q. Vio o mundo o Emfame Napolião e Como p.^a este gloriozo fim todos os Portuguezes geralm.^{te} se tinham feito soldados e entre Si havia escolhido huma brilhante porção de Intrepidos guereiros q. hoje formão um Exercito Inconquistavel o qual Se destina a Expulsar fora deste Reino aperfida Nação Franceza eadezem barajar o Regio Trono p.^a Vermos Cheio de Alegria Sentado nelle o Nosso Legitimo Senhor e Pay Era nesesario que esta Santa Irm.^{d.} Com Corressem Com dr.^o p.^a aJuda dos

gastos e provisões do Sobre d.^o Exercito ouvida por todos Com Satisfação esta bem Justa e digna proposta foi por todos Geralm.^{te} aSentado Se Contribuicem Com Sete mil e duzentos Reis e sendo Com omais q. lhe fosse possível de q. determinarão ao Thezr.^o q. dad.^a Coantia fizece entrega Coando lhe foce pedida pr. ordem do Governo de que mandarão etc.

Foi pouco, mas essa pouquidade tem compensação na inflamatória acta.

*

Volvidos anos sôbre esta calamidade, novo flagelo veio amargurar a Pátria. E se o antecedente foi lamentável e causou prejuizos enormes, o de 1834 teve ainda mais factais consequências, porque foi a perturbação da vida religiosa. Perturbação cujos perniciosos efeitos, tarde ou nunca, se remediarão por completo.

A expulsão das Ordens Religiosas foi um mal imenso. Tema nunca assaz desenvolvido nem encarecido, conquanto por muitas vezes tratado.

Como em geral todas as Igrejas conventuais, ficou a de S. Francisco de Guimarães abandonada, fechada ao culto. Para remediar esta falta reuniram-se as Irmandades ali erectas, resolvendo contratar um capelão que no venerável templo dissesse Missa aos fiéis, pelo menos nos dias santificados e domingos.

Os Irmãos de S. Gualter esportularam-se na sua quota parte para perfazer a quantia de cinqüenta mil reis, — a importância do ordenado do capelão.

E' o que nos faz saber o seguinte:

«Termo por onde a Meza e Irmandade mandou se observase e retificase o termo q. fes a Irmandade de S.^{to} Antonio e Senhora da Conceição a respeito ao P. Capelão que administrase esta Igreja (!).

«Aos cinco dias do mes de Septembro de mil e oito centos e trinta e quatro nesta Igreja de etc... Ahi pello

(1) Livro das Actas fol. 17.

Juiz foi perposto que como a Igreja tinha estado fichada por cauza de não haver quem a admenistrase; detreminou a Irmandade de Santo Antonio porvidencias assás justas para haver hum Capelão que admenistra-se a Igreja a quem darião sincoenta mil reis annas (annuais), repartido pellas Irmandades desta Igreja o que fizerão por termo apoucos dias; ao qual nos reportamos e refeticamos e queremos que ao mesmo Capelão sepague o ajuste alias ao mesmo Capelão se pague o ajuste pormelido na quelle termo conforme se obrigão as mais Irmandades da caza a porpução de cada huma etc.»

*

Ainda a generosidade desta pobre agremiação se manifestou noutra obra que não sabemos se persiste ou se desapareceu, porque não tirámos a claro o que seja o coreto de que a Acta da fol. 10.^a do citado livro faz menção.

«Termo em que a Meza e Imandad.^o determinou se desse de esmola p.^a o Coreto . . .

Aos vinte dias do mez de Maio de 1803, estando em Meza o Juiz, e mais vogaes que de presente servem; de terminarão, que o Thizoueiro da Irmandade desse a esmola de doze mil e oito centos p.^a a obra do Corêto; o Corêto p.^a servir em todas as festividades do Santo; assim se determinou etc.

*

Era costume de muitas Irmandades, costume espalhado por todo o País, distribuir, em determinadas ocasiões, pelos Irmãos, objectos de piedade, como escapulários, estampas, rosários, etc. Este uso também era observado pela nossa de S. Gualter. Assim o diz o

«Tr.^o por onde a Irmandade determinou que se fizesse hum Caixão para a sera com a madeira do Almario velho, vendo o que sovejasse; e q. sahindo a Irmandade se desse por sortes quatro rozarios de 60 reis cada hum etc.

«Aos seis dias do mes de Agosto de mil oito centos e trinta e sete annos, etc. . . . ahi disse o Juis que quando

sahia a Irmandade senão ajuntavam os Irmãos em reção de que só se davão dois rozarios de sincoenta reis cada hum contrario isto ao Costume das mais Irmandades que davão quatro rozarios de oitenta reis, e como paresia justo que o Costume daquelas se introduzisse na nossa para se ajuntarem Com melhor vontade a Irmandade nos a Companhiamentos de seus Irmãos defuntos e mesmo nas funções solemnes determinarão unanimamente que desde hoje em diante quando sahisse a Irmandade se desse quatro rosarios de sessenta reis cada hum a quem sahisse por sortes etc.»

(Liv. das Act. fol. 36).

*

E em matéria de obras damos mais uma acta apenas, que folgáramos não ter existido. Por ela se fica sabendo que também a Irmandade de S. Gualter é quinhoeira na culpa da *pecaminosa* transformação da mágnifica igreja gótica naquele aleijão que os nossos olhos hoje contemplam, e com o qual o nosso espirito sofre... Reza neste teor o dito «*Termo*» (Liv. cit. fol. 41):

«Aos oito dias do mes de Março de mil oito centos quarenta e quatro annos etc..... veio o Doutor João Antonio de Oliveira Cardoso.... para effeito de tomar a declaração da maioria dos Irmãos desta Irmandade de São Gualter... sobre se davão o seu consentimento a alienação da parte do Capital da mesma Irmandade que havia esta offerecido para reparo desta Igreja

 se aliene e entregue aos Mezarios da Veneravel Ordem Treceira de São Francisco a quantia de quatro mil e oito centos reis metal etc.

*

E logo a fol. 43 segue outro que não ousamos copiar e que se rotula;

«**Termo pelo qual a Irmandade de S. Gualter deliberou se concorresse pro-rata para a reedificação do Zimbório da Igreja de S. Francisco.**»

Foi perpetrado o *crime* artístico no ano de 1855.

O zimbório é aquela lanterna, inútil para a ilumina-

ção interior do templo, — já demasiadamente iluminado com os múltiplos e enormes janelões abertos nas paredes — e que no exterior aparece *escarranchada* no cruzamento das linhas do telhado, dando a lamentável impressão de terem pôsto em cima da igreja um *mirante*, ou um depósito de água para abasto de qualquer caseiro estabelecimento que a exija vinda daquelas alturas...

Abominável! Quando desaparecerá dali aquilo, e se restituirá ao telhado a sua forma pura e original de cruz, que tão bem dizia como as vastas proporções do belo edificio!?

(*Continua.*)

TH. G.